

## UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA NARRATIVA NO LIVRO “DOSSIÊ BRASÍLIA: o segredo dos presidentes”

### *A PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS OF THE NARRATIVE IN THE BOOK “DOSSIER BRASÍLIA: the secret of the presidents”*

Fernando Lopes da SILVA<sup>1</sup>; Sandra Sueli Garcia de SOUSA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise do livro “Dossiê Brasília: Os segredos dos presidentes”. Na obra foram entrevistados os ex-presidentes José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Antes de cada depoimento, o autor apresenta no perfil dos personagens o segredo revelado. Assim, investigamos se houve critérios para seleção deste segredo já no perfil ou se foi revelado por uma pergunta objetiva na entrevista. Esta análise utiliza a fenomenologia de Peirce: Primeiridade, secundidade e terceiridade; transmutando as categorias, respectivamente, às primeiras impressões dos personagens no perfil, a materialização do segredo revelado nos depoimentos e as possibilidades de interpretação. Esta narrativa promove uma reflexão sobre elementos comuns ao livrorreportagem e critérios de noticiabilidade.

**Palavras-chave:** Ex-presidente, Fenomenologia, segredo, livrorreportagem.

**Abstract:** *This article suggests a review of the book “Dossiê Brasília: Os segredos dos presidentes”. In the book, were interviewed former presidents José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco and Fernando Henrique Cardoso. Preceding each interview, the author presents in the profile of the characters the secret revealed. So, we investigate whether there were criteria for choosing the secret already in the profile or if it was revealed by an objective question in the interview. This analysis uses the phenomenology of Peirce: Firstness, secondness and thirdness; transmuting categories, respectively, to first impressions of the characters in the profile, the materialization of the secret revealed in the statements and possibilities of interpretation. This narrative promotes a reflection on common elements to the book report and newsworthiness criteria.*

**Keywords:** *Ex-president, Phenomenology, secret, non-fiction book.*

<sup>1</sup> Jornalista, especialista em Mídias em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia e aluno especial do mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação. E-mail: fernandolopes08@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2010). Professora permanente no programa de pós graduação em tecnologias, comunicação e educação, linha de pesquisa “tecnologias e interfaces da comunicação” da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: sandragarc@gmail.com

## **Introdução**

Que segredos os quatro ex-presidentes do Brasil tiveram que guardar quando estavam no Palácio do Planalto e agora podem revelar? Este questionamento levou Geneton Moraes Neto, editor chefe do programa Fantástico da Rede Globo, a fazer uma série especial intitulada “Dossiê Brasília: Os segredos dos presidentes” no mês de agosto de 2005. Como nem todas as imagens das dez fitas utilizadas nas entrevistas foram ao ar devido à edição das reportagens, o jornalista optou por transcrever todas as gravações na íntegra e lançar um livro com nome homônimo ao quadro do Fantástico. O lançamento da obra ocorreu um dia após a exibição da última entrevista com Fernando Henrique Cardoso, no dia 29 de agosto de 2005.

Com o uso de diferentes linguagens, a capa do livro traz a imagem dos semblantes dos quatro ex-presidentes, que precedia a chamada, anunciando o ineditismo da obra: “O texto integral das entrevistas gravadas para o Fantástico. Quatro ex-presidentes revelam cenas dos bastidores no poder”. Para o telespectador que havia assistido a reportagem na Rede Globo, a obra oferta a possibilidade de desvendar os mistérios a respeito da trajetória política dos ex-presidentes no exercício do poder.

Na orelha do livro (2005), o repórter Joel Silveira, destacado entre os jornalistas por ter conhecido pessoalmente dez presidentes do Brasil, considera a obra como de maior importância e afirma que “os depoimentos dos ex-presidentes são relevantes porque servirão para retratar com fidelidade absoluta a cara do poder do Brasil nos últimos tempos”. O retrato fiel anunciado por Joel Silveira confere ao leitor a credibilidade de estar próximo de desvendar a personalidade das figuras políticas que estiveram no comando do país. Entretanto, nos inquieta a observação se as revelações são mediadas exclusivamente pela transcrição das entrevistas, diante uma pergunta objetiva sobre o segredo guardado, ou se outros elementos norteiam a seleção dos segredos revelados para os leitores.

## **Elementos literários presente no livro-reportagem**

Já no primeiro capítulo do livro, “O grande romance do poder”, Geneton Moraes Neto (2005, p.8) afirma que “o ficcionista que se aventurasse a escrever o grande

romance político brasileiro precisaria de uma dose amazônica de inspiração para imaginar enredos tão extraordinários quanto os que foram vividos pelos quatro personagens que vão entrar em cena” nos capítulos subsequentes. Estas palavras do autor anunciavam, em uma apresentação da obra, as diferentes trajetórias que os quatro últimos presidentes do Brasil tiveram no exercício do poder. Para o autor, as narrativas superam qualquer ficção antes imaginável a um romance político. Neste encontro dos elementos do jornalismo e os da literatura, a que se propõe a obra, residem as características híbridas de um livrorreportagem, conforme assinala Oliveira:

É precisamente nesta peculiaridade, em avançar na apuração da reportagem, quebrando limites impostos pelo próprio jornalismo, que reside a característica formadora do livro-reportagem. Ele consegue informar, envolver e, até mesmo, entreter o público, através da leitura de um fato verdadeiro, num ambiente propício a experimentações e possibilidades narrativas diversas. (OLIVEIRA, 2006, p.5)

Observa-se, nesta análise que o autor da obra faz o perfil dos quatro personagens, antecedendo a transcrição na íntegra de cada uma das entrevistas. Utilizando recursos de linguagem comuns à literatura, o autor não se limita a apresentar fielmente a transcrição no formato pingue-pongue. Antecedendo cada entrevista, revela os bastidores de como as mesmas foram feitas, com a descrição do ambiente onde ocorreram, as dificuldades encontradas para realizá-las, os fatos que norteiam o exercício no executivo da cada um dos ex-presidentes e a caracterização da personalidade dos personagens.

Estas primeiras impressões experimentadas pelo leitor nos perfis são fundamentais para a interpretação dos segredos que serão revelados. Segundo Lucia Santaella (1983, p.7), “as coisas, quando nos aparecem, surgem numa miríade de formas, enoveladas numa multiplicação de sensações, além de que tendem a se enredar às malhas das interpretações que inevitavelmente fazemos das coisas”. Para Santaella, todas estas coisas ou fenômenos são observáveis, cabendo ao seu estudo discriminar diferenças entre estes fenômenos, generalizar e categorizar estas observações. O estudo citado pela autora foi realizado por Charlie Peirce e denominado Fenomenologia, fio condutor para a análise a que se propõe este artigo.

## **Fenomenologia diante dos personagens apresentados na obra**

Sobre a generalização e categorizações da fenomenologia, Santaella (1983, p.8) considera “que tudo que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência”. Esta gradação é definida como primeiridade, secundidade e terceiridade.

Ao apresentar o ex-presidente que será entrevistado, Neto (2005) delinea o perfil de cada personagem para elencar as características do mesmo e também ressaltar o ponto chave da entrevista, que seria o segredo a ser revelado. Esta seria a primeiridade, de acordo com os conceitos propostos na fenomenologia, começando a etapa na apresentação das imagens dos ex-presidentes na capa da obra e o perfil antecedendo a leitura no formato pingue-pongue. A primeiridade é o momento em que o leitor se depara com as percepções imediatas dos entrevistados tais como características físicas, modo como cada um caminhou até o local, notícias divulgadas na imprensa. Estes signos antecipam os depoimentos, “é um primeiro que está em relação com um segundo, chamado seu objeto, de forma a ser capaz de determinar um terceiro, chamado seu interpretante” (PIGNATARI, 2004, p.47).

Logo após o perfil, já com as entrevistas narradas no formato pingue-pongue, o autor apresenta o questionamento formal sobre o segredo que o ex-presidente agora poderia revelar. A este segundo momento caracteriza-se a secundidade, marcada pela factualidade, a apresentação do fato real. Se antes havia no perfil apenas impressões do que seria o segredo guardado, na secundidade há a materialidade deste segredo narrado pelo ex-presidente.

Na terceiridade são apresentados os desdobramentos da revelação do segredo, presentes tanto nos questionamentos seguintes e quanto nos demais apontamentos feitos pelo entrevistado. É nesta etapa que o leitor norteia os fatos, interpreta-os constituindo significados. Segundo Santaella (1983, p.11), significado “é aquilo que se desloca e se esquivava incessantemente” de modo que tantos outros significados podem ser construídos na terceiridade, a partir das sensações experimentadas na leitura dos perfis e como na leitura da entrevista.

### *A revelação do segredo do ex-presidente José Sarney*

Geneton Moraes Neto, no perfil destinado a apresentação do ex-presidente José Sarney, não fez nenhuma cerimônia em revelar o segredo guardado por ele já no primeiro parágrafo, com tipografia superior ao restante do texto: “O ex-presidente José Sarney vai pronunciar daqui a pouco duas palavras que passaram anos cercadas de sigilo absoluto: bomba atômica” (2005, p.15). Contrapondo a gravidade, Neto (2005, p.15) narra no parágrafo seguinte como se comportava Sarney mediante a entrevista:

O céu de Brasília ostenta um azul escandaloso lá fora, na manhã desta quinta-feira de verão. Mas aqui, num gabinete espaçoso no quinto andar do prédio do Senado Federal, indiferente às ostentações da paisagem, este homem - de estatura mediana, bigode farto e cabelos obviamente remocados por uma dosagem de tintura - devota todas as atenções a uma galeria de fotos que dão ao ambiente a aparência de uma sucursal de museu.

O autor da obra não só observa as características físicas do entrevistado, como contrapõe o alarde do sigilo nas declarações sobre bomba atômica ao local da entrevista e as feições tranquilas do ex-presidente. Esta sequência é assinalada quando o autor toma nota das palavras de Sarney (2005, p. 16) diante as fotos: “A foto é importante. Só não é agradável porque já morreu um bocado de gente. É um aviso de que nossa hora vai chegando”.

No primeiro momento, com a apresentação de Sarney, o leitor teve as primeiras impressões, signos desta figura política com equilíbrio inabalável mediante os fatos, características de um político experiente. De acordo com Santaella:

O signo é qualquer coisa de qualquer espécie, podendo estar no universo físico ou no mundo do pensamento, que – corporificando (o que nos permite usar esse termo para incluir propósitos e sentimentos) ou estando conectada com ou estando conectada com algum objeto existente ou ainda se referindo a eventos futuros através de uma regra geral – leva alguma coisa, chamada signo interpretante a ser determinada por uma relação correspondente com a mesma idéia, coisa existente ou lei. (SANTAELLA, 2001, pg.39)

Nos parágrafos seguintes que compõe o perfil, o autor da obra informa meticulosamente a trajetória política do ex-presidente, citando inclusive fatos noticiados na imprensa para credibilidade da descrição do personagem.

Todos estes elementos apresentados compõem a primeiridade e conecta-se a um objeto que será apresentado na entrevista pingue-pongue, quando é formulado o

questionamento objetivo a Sarney: “Que segredo o senhor teve de guardar quando estava na presidência, mas hoje, 20 anos depois, pode revelar?” (NETO, 2005, p. 24). Esta foi a primeira pergunta do autor. Diferente dos depoimentos de outros ex-presidentes, Sarney não esquiva e é direto em sua resposta:

Descobrimos que havia, na Serra do Cachimbo, um buraco onde se pretendia fazer uma experiência com a bomba atômica. Todo o esforço nacional naquela época - não divulgado - era feito no sentido de o Brasil entrar no clube nuclear. Havia até o projeto de que Figueiredo fizesse um anúncio, quando estava no governo. (João Baptista Figueiredo, último presidente do regime militar, governou de 1979 a 1985.) Como presidente da República, recebi a notícia da existência do campo para provas nucleares. (SARNEY, 2005, p.24)

A revelação deste segredo é a secundidade, caracterizada pela resposta do questionamento e a materialização da informação anunciada no perfil do ex- presidente. As experiências que o Brasil fazia com objetivo de entrar no clube nuclear passam a representar uma ameaça na medida em que o ex-presidente narra os riscos de esta revelação interferir nas relações diplomáticas com a Argentina. Estas informações são narradas no depoimento do Sarney:

Assim que tomei conhecimento da existência do campo de provas, determinei ao secretário do Conselho de Segurança Nacional, general Bayma Denis, que imediatamente lacrasse o buraco onde seria realizado o primeiro teste. Determinei também que ele anunciasse que o lugar era, na verdade, destinado a recolher lixo nuclear. Quando transmiti o governo a Fernando Collor, relatei o episódio. Depois que assumiu o governo, Collor fez uma aparição pública para encobrir o buraco. (SARNEY, 2005, p.25)

Os elementos apresentados sobre a descrição do perfil de José Sarney foram circunstanciais para interpretação do leitor do papel do ex-presidente e da relevância do segredo. A este processo de representação que promove a interpretação dos fatos e do mundo denomina-se a terceiridade, etapa fundamental para o leitor atribuir significados as informações da leitura e compreender a dimensão que este segredo representa na história do país. Estas três etapas da fenomenologia também podem ser vistas nas demais entrevistas, a próxima com o ex-presidente Fernando Collor de Mello.

### *A revelação do segredo do ex-presidente Fernando Collor de Mello*

Em contraste ao céu de Brasília, ostentando um azul escandaloso no dia da entrevista do ex-presidente Sarney (primeiro entrevistado), Neto (2005) anuncia a chegada de Collor em uma tarde nublada, num automóvel de vidros escuros. Nas palavras do autor, Sarney trazia a tranquilidade de uma sucursal no museu, mas a definição do perfil do Collor aponta características diferentes:

Que ninguém pense que o manda-chuva desfila pelo pátio soltando fogo pelas narinas. Não é assim que a banda toca hoje. Quem vê o Fernando Collor de Mello de 56 anos de idade fica tentado a perguntar: por onde anda aquela figura de andar empertigado, olhar desafiador e peito estufado, que, na presidência, encarava os outros mortais com ar de olímpica superioridade? Se aquele era um personagem interpretado por Fernando Collor de Mello quando ocupava a ribalta da presidência da república, pode-se dizer que o criador do tipo tratou de aposentá-lo. (NETO, 2005, p. 68)

Toda narrativa evidenciando uma mudança de postura do primeiro presidente eleito pela população após o regime militar foi justificada por escândalos políticos que contribuíram para o pedido de impeachment. Em campanha, Collor prometia “matar a esquerda de susto e a direita de raiva” (NETO, 2005, p.8).

O autor conclui no perfil que “o ‘Escorraçado’ guarda um baú de histórias. Vai abrí-lo agora para revelar a cena que ninguém viu: o dia em que esteve a um passo de cometer suicídio” (NETO, 2005, p. 75). O perfil apresentou as primeiras impressões (primeiridade) de um ex-presidente abalado por sua trajetória. Diferente de Sarney, o questionamento sobre o segredo guardado por Collor e que só agora poderia revelar não encabeça a entrevista.

Geneton optou por direcionar e materializar a informação sobre suicídio no depoimento (secundidade) dirigindo a pergunta específica sobre o assunto para o entrevistado: “Em algum momento desse período de reavaliação, o senhor chegou a pensar em suicídio por ter sido afastado do poder?” (NETO, 2005, p.81). Collor então responde:

Num determinado momento, (eu) pensei em dar fim a minha vida porque o sofrimento foi atroz, brutal, cruel. Para não cometer esse gesto, valeu-me muito uma conversa que eu havia tido com o governador Leonel Brizola. Ao fim da última audiência que ele teve comigo, em palácio, fui levá-lo a porta. (...). Com aquela forma bem pausada de falar, ele disse, então: “Venho de longe. Já assisti a muita coisa na política deste País. Acompanhei de perto o

sofrimento do doutor Getúlio Vargas. O que ele passou não chega aos pés do que o senhor vem passando. Quero lhe pedir, não como político nem como governador, mas como cidadão Leonel Brizola, resista presidente. Não faça como o doutor Getúlio. Resista". Nesse instante, os olhos do governador Brizola se marejaram de lágrimas. (COLLOR, 2005, p. 81)

O ex-presidente ainda disse que gravou uma fita testamento quando decidiu se suicidar. Todos estes fatos nortearam o leitor a interpretar (terceiridade) a trajetória política de Collor. Na entrevista, ao ser questionado sobre o segredo guardado que poderia revelar, Collor narra um encontro com um economista para apresentar-lhe um plano de estabilização macroeconômica, plano este que seria posteriormente atribuído a Fernando Henrique Cardoso, conforme assinala em depoimento:

Durante o almoço, André descreveu o plano de estabilização que ele tinha em mente. Denominou-o Plano Brasil Ouro, ou Plano Padrão Ouro, algo assim. Aquele era exatamente o plano que viria a ser aplicado depois por Fernando Henrique Cardoso, o Plano Real. Fiquei muito entusiasmado com a ideia. Era algo ousado, o que faz parte do meu temperamento (...). O encontro ocorreu por volta de julho, agosto. As eleições se realizariam em outubro. Logo depois de outubro implementaríamos o plano - se não tivesse ocorrido o processo que me afastou da presidência. (COLLOR, 2005, p.100)

O repórter não questionou mais detalhes sobre o assunto para o ex-presidente e nem cita a revelação deste segredo no perfil. Na entrevista concedida em 2005, Collor afirmou ter abandonado a carreira política. Neto (2005) conduziu a narração desta trajetória com elementos comuns a um romance ficcional, anunciado no perfil. Com a renúncia de Collor, o vice Itamar Franco assume a presidência. Ele é o próximo entrevistado.

### ***A revelação do segredo do ex-presidente Itamar Franco***

“Definitivamente, Itamar Franco não é fácil (NETO, 2005, p.129).” Com estas palavras, Geneton começa o perfil do ex-presidente e, diferente de todos os outros personagens da obra, narra as dificuldades encontradas para entrevistá-lo, caracterizando uma figura intempestiva (primeiridade), distinta ao ambiente de uma sucursal no museu descrito na entrevista de Sarney ou a personalidade abalada por escândalos de Fernando Collor. O autor compara o suspense sobre a realização da entrevista ao suspense que Itamar manteve antes de aceitar ser vice nas eleições com

Collor. Adjetivos como temperamental, imprevisível, mercurial e enigmático são utilizadas pelo autor para compor a personalidade do personagem:

Lá vem ele. São onze da manhã. Itamar prefere gravar a entrevista na sede da TV Panorama. Quando desce do banco traseiro de um carro de vidros escuros, exibe a inconfundível contribuição capilar dada à iconografia política brasileira: o célebre topete, alegria dos cartunistas. Não faz frio, mas Itamar enverga um suéter sob o paletó azul escuro. A gravata é vermelha. Como se fosse um candidato prestes a debater com adversários eleitorais, o ex-presidente traz debaixo do braço uma pasta com documentos que compilará para reforçar o que diz. (FRANCO, 2005, p.130)

Já no segundo parágrafo do perfil de Itamar, Genetton anuncia que o segredo revelado pelo ex-presidente foi ouvir uma proposta capaz de lhe tirar o sono: “E se o presidente, num arroubo, fechasse o Congresso Nacional para depurar o parlamento da presença de roedores do dinheiro público?” (NETO, 2005, p.129). Do mesmo modo que Fernando Collor, Itamar revelou outra informação como segredo guardado e que agora poderia publicizar: Uma ameaça ao estado de direito, substituindo ministros militares no seu governo:

Resolvi substituir os ministros militares, por quem tinha muito respeito. Sempre tive, aliás, muito respeito pelas Forças Armadas. Mas eu tinha de fazer a substituição dos ministros militares. Fernando Henrique Cardoso, a quem nós já havíamos escolhido para ser ministro das Relações Exteriores, assustou-se um pouco: achou que aquilo impediria a continuidade do governo. (FRANCO, 2005, p.138)

Como o ex-presidente não confirmou a informação revelada por Genetton como segredo guardado durante o governo, o jornalista questionou-o diretamente: “É verdade que o senhor recebeu uma sugestão para fechar o Congresso?”. Itamar Franco responde:

Você vai me colocar numa situação difícil. Mas é verdade. Só não vou dizer o nome dos parlamentares. Vou preservar o nome dos parlamentares porque acho que devo manter esse detalhe sem uma revelação pública. Nós estávamos no palácio, quando dois deputados e um senador entraram de repente, abruptamente, no gabinete e disseram: “O Congresso enfrenta uma crise muito séria. Há corrupção generalizada na área da comissão de orçamento. Quem sabe, você fecharia o Congresso? Faria uma limpeza e, então, daríamos uma nova ordem institucional ao País”. Falei: “Não! Não! Eu quebraria tudo aquilo que aprendi desde jovem, tudo aquilo que sinto. O Congresso é fundamental num processo democrático”. (FRANCO, 2005, p.139)

Itamar ainda relatou no decorrer da entrevista que quando uma crise acontece no executivo a exemplo desta, que envolvia o ministro da Casa Civil no ano de 1994 e a comissão de orçamento no senado, era preciso agir rápido a fim de que a crise não afetasse o executivo.

As informações contidas no perfil e na transcrição da entrevista pingue-pongue contribui para o leitor interpretar (terceiridade) os acontecimentos abordados na obra sobre a trajetória política do ex-presidente. Itamar ainda afirmou que o presidente é um homem solitário, foi bastante questionado por Neto sobre sua relação com Fernando Henrique Cardoso (FHC), fez críticas à reeleição, às mudanças de postura de FHC após assumir a presidência e a paternidade do real. Todas estas informações sucederam ao perfil delineado de Itamar em que o autor concluía “Itamar não é fácil. Até as pedras das ruas de Juiz de Fora sabem que o ex-prefeito, ex-senador, ex-governador, ex-presidente nunca foi dado a fazer confidências a repórteres” (FRANCO, 2005, p.135). Itamar fez considerações relevantes, inclusive à eleição do sucessor. Mas depois de delineado o perfil mercurial, as revelações confundiram-se com declarações de desafetos políticos.

#### ***A revelação do segredo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC)***

Neto (2005) realçou a fonte das letras que anunciava a apresentação de FHC: “Quando a mosca azul do poder o picou pela primeira vez, o professor de sociologia Fernando Henrique Cardoso já começou apostando alto” (NETO, 2005, p.186). A trajetória do ex-presidente foi narrada como uma história empreendedora. Não houve adjetivos como ‘temperamental’ atribuída a Itamar Franco, nem tão pouco relatada uma trajetória abalada por escândalo como Collor, ou ainda caracterizada as feições tranquilas e apáticas de Sarney mediante um projeto nuclear. O perfil do quarto personagem da obra atribuiu sinais visíveis de simplicidade ao ex-chefe de estado (esta definição atribuída a FHC não foi utilizada pelo autor para outro presidente):

São quatro da tarde. Se ainda estivesse no poder, Fernando Henrique Cardoso despontaria agora, lá no fim do corredor, rodeado de seguranças, assessores, áulicos, servos, cortesãos. Mas os oito anos de reinado ficaram para trás. Hoje, para cumprir o papel de respeitável ex-chefe de Estado, ele não precisa ter em volta de si uma ala de zagueiros com crachá, prontos a enxotar repórteres impertinentes ou eleitores ansiosos por lhe entregar uma carta. (NETO, 2005, p.188)

Mediante os depoimentos com críticas relatadas pelos outros três ex-presidentes em que Sarney afirma “que todos (presidentes) que foram depostos, não deveriam ter sido bons presidentes” (SARNEY, 2005, p.39) em referência ao ex-presidente Collor; Collor diz o ditado “Vice? Não tê-lo, não sê-lo, de preferência, não vê-lo” (COLLOR, 2005, p.93) em referência a Itamar; já Itamar por sua vez sobre FHC: “É um homem que pensa que inventou a democracia. Pensa que inventou o plano real” (FRANCO, 2005, p.163); enquanto no perfil, FHC é destacado com gestos de elegância, conforme assinala o autor (NETO, 2005, p.189):

O estilo do ex-presidente não permite alterações no tom de voz. O homem não é de usar expressões fortes. Não faz o "estilo trator". Quando quer se queixar de algo - como, por exemplo, a acidez de críticas feitas por antigos aliados - deixa o fim da frase no ar ou então engole sílabas, apressadamente, como se quisesse se livrar logo do petardo verbal. É a maneira que encontrou para exercer uma pirotecnia retórica: a de dizer sem falar.

Do mesmo modo dos outros perfis apresentados anteriormente na obra, a maneira como Geneton apresenta o perfil (primeiridade) do FHC, interfere na leitura que será feita sobre o ex-presidente na entrevista pingue-pongue (secundidade). Esta apresentação está intrinsecamente ligada ao objeto que num terceiro momento (terceiridade) será interpretado, conforme assinala Santaella (1983, p.10):

Consciência em primeiridade é qualidade de sentimento e, por isso mesmo, é primeira, ou seja, a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem, já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos. Qualidade de sentir é o modo mais imediato, mas já imperceptivelmente medializado de nosso estar no mundo. Sentimento é, pois, um quase-signo do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas.

Segundo o autor, no perfil, o segredo a ser revelado por FHC é uma aula de prática “de jogo de cintura diante de situações imprevistas” (NETO, 2005, p.187) e de diplomacia internacional. Do mesmo modo que os outros entrevistados, o autor questionou que segredo o ex-presidente havia guardado quando estava no poder e poderia revelar. FHC por sua vez narrou um fato anterior a sua eleição, quando ainda era ministro no governo Itamar Franco.

Neto (2005), então, foi específico e perguntou “O que o presidente Bill Clinton dizia ao senhor em conversas privadas? O senhor foi convidado a passar um fim de

semana em *Camp David*, a residência de verão do presidente” (NETO, 2005, p.193). Incisivo, o autor conduziu o entrevistado ao dia, local e emissor da revelação. Diante disto, FHC relatou:

Fui a *Camp David*. O presidente Clinton queria que o Brasil tivesse um papel mais ativo na Colômbia - e até no Oriente Médio (...) Mas eu era muito restritivo, sobretudo diante da sugestão de que o Brasil fosse mais ativo na Colômbia, onde há guerrilha. Isso significava, no fundo, presença militar brasileira. O que havia, ali, não era uma insistência de Bill Clinton: era uma conversa em que ele achava que o Brasil poderia ter esse papel. (CARDOSO, 2005, p.193)

Questionado pelo autor sobre sua reação ou resposta para Clinton, FHC disse que não tinha o que responder já que o presidente insinuou, mas não utilizou o termo militar. Esta foi a aula prática de diplomacia dada pelo ex-presidente, anunciada no perfil. O leitor está diante do quarto segredo da obra, provavelmente o que menos gerou polêmica ou propôs críticas à figura política entrevistada.

### **Crítérios de seleção dos segredos destacados**

No restante da entrevista pingue-pongue, FHC falou sobre estratégias de eleição e reeleição, denúncias de opositores, críticas sobre o governo e como foi passar a faixa de presidente para Luiz Inácio Lula da Silva. Ao ler a transcrição da entrevista de FHC, a exemplo dos outros três entrevistados, há de se pensar nos critérios para destacar um fato como segredo revelado diante os demais já que, conforme mensurado no capítulo anterior, o segredo apresentado nos perfis (primeiridade) nem sempre era a informação respondida ao questionamento objetivo do autor (secundidade). A fenomenologia não só facilitou a percepção do modo como Neto (2005) conduziu a narrativa do livro, como o método aponta caminhos para esta reflexão.

Segundo Sodré (2014) a semiótica de Peirce articula signo, objeto e interpretante, mediando a comunicação de um elemento diverso para outro por meio de um terceiro. Ainda segundo o autor este dualismo em intermediar dois elementos separados “já se verifica, embora de forma não declarada, na introdução de categorias de pequenos grupos e depois de *gatekeepers* (filtros informativos ou líderes de informação)” (2014, p.107). Deste modo, foram articuladas aos perfis dos ex-presidentes características

diversas às apresentadas em seus depoimentos, de modo que Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso consideraram como sendo outros os segredos guardados que só agora poderiam revelar.

Estes filtros informativos, tais como os *gatekeepers* citados por Sodré, correspondem aos critérios utilizados para seleção de uma informação que será omitida por um emissor, veiculada por um meio e até mesmo destacada em relação às demais informações. Segundo Wolf (2005, p. 196).

A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2005, p.196)

Para Wolf (2005) os critérios de noticiabilidade acontecem, tanto pela rotinização do trabalho dos produtores da notícia, também comum no *newsmaking*, como por processos definidos pelos guardiões das informações, definidos como *gatekeepers*.

É importante observar em conjunto a estes apontamentos o cenário político. Em 2005, quando o livro Dossiê Brasília foi lançado, FHC realizava palestras no país e no exterior sobre como foi a implementação do Plano Real. No mês de lançamento da obra, a revista Veja (2005) trazia na capa o anúncio de Lula “em uma situação que já lembra a agonia da Era Collor”. Os telejornais noticiavam o medo do impeachment por causa dos escândalos de corrupção envolvendo o ministro Antonio Pallocci. Diante o cenário político, não era apropriado discutir a paternidade do Plano Real, fato que Collor e Itamar Franco levantam na sua entrevista, mas que só é destacado com FHC.

As declarações do ex-presidente Itamar Franco sobre a possibilidade de se fechar o congresso também coincidiram com as denúncias contra o ministro Antonio Pallocci. Para o leitor que só atentou à leitura do perfil, transparecia que os escândalos em 1994 só envolviam o senado. Para quem observou o depoimento de Itamar, fica claro que a ameaça de fechamento do senado seria um modo de transferir a responsabilidade dos escândalos que ameaçava a imagem do executivo ao senado. Segundo Itamar Franco (2005, p.144), quando o governo fecha o congresso ou deixa de admitir uma crise é ruim para o país. “Porque ela (crise) se agrava e se aprofunda. É o que acontece também

quando o presidente resolve manter nos cargos elementos do governo que estão sendo processados pelo Supremo Tribunal Federal ou acusados deste ou daquele delito”. Naquele momento, Lula havia optado por manter Palloci no cargo, diferente de Itamar que assumiu ter afastado o ministro de Minas e Energia do seu governo, após ele fazer um bilhete dizendo que uma obra deveria ser dirigida para o apoio da eleição de FHC.

No perfil de Sarney, Neto (2005) o caracteriza apenas como “o vice-presidente discreto que, num conchavo político, tinha sido escolhido como companheiro da chapa de Tancredo Neves, este sim, a estrela absoluta, o político que passara o regime militar fazendo a oposição” (MORAES, 2005, p.14). Não foram utilizadas expressões como oportunismo, somente a palavra sorte. Segundo o autor, na posse, o ex-presidente deve ter murmurado os dizeres imaginados por Juscelino “Senhor, eu não sou digno” (NETO, 2005, p.20).

A construção dos perfis dos ex-presidentes na obra foi tão distinta, quanto seus posicionamentos políticos em 2005, em relação ao governo. Sarney e Itamar, respectivamente, com a calma de uma sucursal de um museu e uma personalidade mercurial apoiavam Lula. Collor, abalado por escândalos desistiu da carreira política (naquele ano). FHC era a oposição ‘discreta’ ao governo já que, segundo o autor da obra, Lula chegou a ser seu cabo eleitoral (NETO, 2005, p.185). Depois de cada perfil, vinham às transcrições das entrevistas pelo autor para interpretação dos leitores.

### **Considerações finais**

Deste modo, com aplicação das três categorias fenomenológicas de Pierce neste artigo, foi possível observar que a revelação dos segredos guardados pelos ex-presidentes em “Dossiê Brasília: O segredo dos presidentes”, não foi mediado exclusivamente por uma pergunta objetiva sobre o segredo guardado que, só agora, poderia ser revelado aos leitores.

Ilustra esta análise a constatação que, antecedendo a transcrição dos depoimentos dos entrevistados, já nos perfis, o autor utilizou elementos literários para definir as características físicas e psicológicas dos personagens. Por esta obra analisada se tratar de um livro-reportagem, é importante considerarmos que nestes livros os elementos

literários informam e entretém o público a partir de um fato verdadeiro, conforme salienta Oliveira (2006).

O destaque dado ao segredo que seria revelado na transcrição da entrevista, já no começo do perfil, é uma estratégia comum e utilizada no jornalismo para elencar no lead (primeiro parágrafo de uma reportagem) qual é o fato principal. Também foi possível observar na leitura dos perfis que o autor utilizou manchetes que saiam no noticiário quando os ex-presidentes estavam no poder para nortear o leitor sobre a trajetória destes personagens da política brasileira.

Entretanto, o que chama a atenção nesta análise é que o segredo guardado e anunciado nos perfis de Collor, Itamar e FHC, não eram os mesmos revelados por eles mediante um questionamento objetivo de qual o segredo guardado quando estavam no poder poderiam agora ser revelado aos leitores.

Diante desta observação, foi abordado no decorrer deste artigo que os critérios de valor-notícia utilizados para escolha dos segredos a ser revelados desde o perfil se relacionam aos *gatekeepers* e *newsmaking*. Estas estratégias também podem ser observadas nos noticiários diariamente e promovem discussões sobre as motivações que fazem um jornal destacar um fato jornalístico em detrimento de outros mediante uma linha editorial. Para esta abordagem também foram observados os fatos políticos noticiados em agosto de 2005, quando o livro foi lançado. O destaque dado a algumas informações no decorrer da obra nos faz questionar a finalidade anunciada na orelha do livro de “retratar com fidelidade absoluta a cara do poder do Brasil nos últimos tempos”, quando podemos destacar que toda obra que utiliza recursos literários e critérios de valor-notícia expressam junto aos fatos a opinião e posicionamento do seu redator.

Em se tratando de uma obra que ainda hoje é fonte de pesquisa por conter os depoimentos de quatro figuras políticas importantes para a história do Brasil, é válido ressaltar que outras interpretações factuais podem ser feitas na leitura da obra. Segundo Santaella (2001), os significados e possibilidades de interpretação das informações movem incessantemente, o que torna a leitura desta obra atemporal e relevante por assinalar as entrevistas dos primeiros ex-presidentes do país após o regime militar.

## Referências

- CARDOSO, Fernando Henrique. **Dossiê Brasília: O segredo dos presidentes**. São Paulo: Globo, 2005. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto.
- FRANCO, Itamar. **Dossiê Brasília: O segredo dos presidentes**. São Paulo: Globo, 2005. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MELLO, Fernando Collor. **Dossiê Brasília: O segredo dos presidentes**. São Paulo: Globo, 2005. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto.
- NETO, Geneton Moraes. **Dossiê Brasília: Os segredos dos presidentes**. São Paulo: Globo, 2005.
- OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. INTERCOM. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>. Acesso em: 10 Jun. 2015.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SARNEY, José. **Dossiê Brasília: O segredo dos presidentes**. São Paulo: Globo, 2005. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para método comunicacional**. São Paulo: Editora Vozes, 2014.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 3 ed. Lisboa: Presença, 1994.